

## A HISPANIDADE SOB A PERSPECTIVA DE MIGUEL DE UNAMUNO

Cristiane Agnes Stolet Correia<sup>1</sup> (UFRJ)

### RESUMO:

O presente trabalho busca pensar a noção de narrativa histórica pelo viés do pensamento unamuniano. Questionando as relações dicotômicas que primam pela discussão e diferenciação entre o que seria autobiográfico/autoficcional, factual/ficcional, público/privado, sujeito/objeto, Unamuno inverte e confunde, colocando em xeque os lugares comuns. Assim, sua leitura acerca do histórico instaura um novo olhar, trazendo à tona o caráter sempre atuante e mutável da dinâmica histórica e, concomitantemente, o lugar do homem neste contexto. Pretende-se trazer estas questões principalmente a partir de duas obras do autor: seu primeiro livro publicado *Paz en la guerra*, que tem como ponto de partida sua triste experiência da terceira guerra carlista, e *Vida de Don Quijote y Sancho* onde os personagens fictícios adquirem vida e importância histórica.

**Palavras-chave:** história, hispanidade, Unamuno.

### Introdução

O presente trabalho busca pensar, em um primeiro momento, a noção de narrativa histórica pelo viés do pensamento unamuniano para, então, adentrar a compreensão da própria história na obra do autor.

*Paz en la guerra* é a primeira narrativa escrita por Miguel de Unamuno, considerada pelo escritor “tanto como una novela histórica una historia anovelada”<sup>2</sup> (UNAMUNO, 1999, p. 123). Assim, já em sua primeira narrativa, **romance histórico** e **história romanceada** passam a ser vistos como termos afins. O fato de a **história** ser mantida como substantivo ou ganhar o status de adjetivo não implica uma dicotomia, uma oposição entre o que é factual e o que não é, mas já garante a aproximação entre história, romance e vida.

São várias as passagens na obra unamuniana onde a história e o romance estão associados enquanto movimento vital. Ao caracterizar Lenin, por exemplo, em uma de suas elucubrações em *Cómo se hace una novela*, os termos **historiador** e **romancista**

---

<sup>1</sup> Cristiane STOLET CORREIA, doutoranda  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Ciência da Literatura  
cristianeagnesc@gmail.com

<sup>2</sup> Tanto como um romance histórico uma história romanceada.

passam a ser equivalentes<sup>3</sup>.

A narrativa histórica e a história narrativa fundem-se pelo sentimento trágico unamuniano, pelo querer prosseguir vivo. No início de *Cómo se hace una novela*, a descrição do escritor diante do papel branco simboliza a agonia do homem diante de sua própria vida.

*Héteme aquí ante estas blancas páginas — blancas como el negro porvenir: ¡Terrible blancura! — buscando retener el tiempo que pasa, fijar el huidero hoy, eternizarme o inmortalizarme en fin (...) tratando de derramar mi vida a fin de continuar viviendo, de darme la vida, de arrancarme a la muerte de cada instante.* <sup>4</sup> (UNAMUNO, 2009, p. 137).

Como narrador, vive-se, faz-se história. Afinal, “*un modo de vivir la historia es contarla*”<sup>5</sup>. (UNAMUNO, 2009, p. 137). Daí a persistência unamuniana em narrar, em viver sua história, buscando a permanência de sua vida individual e pessoal<sup>6</sup> na história.

Enfatiza-se, portanto, que ao denominar seu texto *Paz en la guerra* romance histórico ou história romanceada, Unamuno pretende romper com a barreira entre o factual e o ficcional, mesclando estas duas noções em uma: vida. Vida que, como tal, é sentida (daí o sentimento trágico) e pensada (daí o sentimento cômico)<sup>7</sup>, enfim, vivida. Vida, que é história sonhada.

## 2 A história para Miguel de Unamuno

Retomando mais diretamente *Paz en la guerra*, vale dizer que toda a tradição de estudos hispânicos sempre ressaltou o caráter histórico desta em oposição às outras

---

3 “ “Cuando Lenin resuelve un gran problema” ha dicho Radek “no piensa en abstractas categorías históricas (...) piensa en los hombres vivos (...)”. Lo que no quiere decir otra cosa sino que Lenin ha sido un historiador, un novelista, un poeta y no un sociólogo o un ideólogo, un estadista y no un mero político.” (UNAMUNO, 2009, p. 138). [“Quando Lenin resolve um grande problema” disse Radek “não pensa em abstratas categorias históricas (...) pensa nos homens vivos (...)”. O que não quer dizer outra coisa senão que Lenin foi um historiador, um romancista, um poeta e não um sociólogo ou um ideólogo, um estadista e não um mero político”.]

4 Eis-me aqui diante destas brancas páginas — brancas como o negro porvir: Terrível brancura! — buscando reter o tempo que passa, fixar o fugidio hoje, eternizar-me ou imortalizar-me enfim (...) tratando de derramar minha vida a fim de continuar vivendo, de dar-me a vida, de arrancar-me à morte de cada instante.

5 Um modo de viver a história é contá-la.

6 Vale destacar que Unamuno distingue indivíduo e pessoa. Ele enfatiza que o indivíduo é o limitado pelo corpo, é indivisível, indica como se é visto geralmente perante a sociedade; enquanto pessoa aponta para o ilimitado, para o que admite inúmeras divisões, para o que se é internamente.

7 “A vida é uma tragédia para os que sentem e uma comédia para os que pensam.” (UNAMUNO, 1996, p. 300)

narrativas unamunianas. O autor reconhece modificações no seu proceder, mas daí dizer que os romances posteriores ignoram o histórico é outra coisa, mesmo porque faz-se necessário, primeiramente, entender o que o autor nomeia como história. Eis as palavras do autor com relação a sua transformação no narrar, redigidas no prólogo da segunda edição de *Paz en la guerra*:

*En esta novela hay pinturas de paisaje y dibujo y colorido de tiempo y de lugar. Porque después he abandonado este proceder, forjando novelas fuera de lugar y tiempo determinados, en esqueleto, dejando para otras obras la contemplación de paisajes.* <sup>8</sup> (UNAMUNO, 1999, p. 123-124).

Percebe-se, portanto, que os dois procedimentos permanecem vivos no autor. Com relação aos seus romances, estes passam a ser libertos da localização espaço-temporal, ao passo que outros textos seus (como muitos de seus ensaios) mantêm-se ancorados em tempo e lugar determinados. Esta aparente divisão se justifica pelo desejo unamuniano, que se expressa com suas próprias palavras: “*hacerme en la historia, en mi España, y hacer mi historia, mi España, y con ella mi universo y eternidad*”<sup>9</sup> (UNAMUNO, 2009, p. 139), o que se reforça na insistente exclamação “*¡Vivir en la historia y vivir la historia!*”<sup>10</sup>. (UNAMUNO, 2009, p. 137). Fazer-se / viver na história, na Espanha, pressupõe uma localização espaço-temporal (inevitável), mas fazer / viver a história e a Espanha ultrapassa qualquer delimitação (já que o fazer e o viver neste contexto apontam para criar algo). Nas duas declarações, a composição frasal se dá por duas orações. A primeira frase centra-se no verbo **fazer** e a segunda, no verbo **viver**. Enquanto na primeira oração de ambas as frases, os verbos são intransitivos, concluindo-se em si mesmos, mas seguidos de um adjunto adverbial de lugar, ou seja, tendo suas ações localizadas; nas segundas orações, os verbos são transitivos diretos, exigindo um complemento para integrar os sentidos das suas ações: não se trata de fazer ou viver apenas, mas de viver a história, de fazer a própria história. Portanto, o mesmo verbo (tanto **fazer** como **viver**) atua de dois modos: como pleno verbo intransitivo é delimitado por um lugar específico, como verbo transitivo vai direto (já que é transitivo direto) à história para perfazer seu sentido. Então a história pode assumir tanto a delimitação de um lugar (e, conseqüentemente, de um tempo) como dar sentido ao fazer e ao viver, à vida, enfim. Mas, se a partir dos contextos mencionados, depreendemos estas interpretações, como podemos aliá-las? Vale buscar uma direção a partir do termo “história” em um dicionário de filosofia.

---

<sup>8</sup> Neste romance há pinturas de paisagem e desenho e colorido de tempo e de lugar. Porque depois abandonei este proceder, forjando romances fora de lugar e tempo determinados, em esqueleto, deixando para outras obras a contemplação de paisagens.

<sup>9</sup> Fazer-me na história, na minha Espanha, e fazer minha história, minha Espanha, e com ela meu universo e eternidade!

<sup>10</sup> Viver na história e viver a história!

De acordo com Abbagnano (2007, p. 583), são quatro os entendimentos básicos de história: “1.o (...) como passado; 2.o (...) como tradição; 3.o (...) como mundo histórico; 4.o (...) como objeto da historiografia”.

A primeira e a segunda acepção do termo são eliminadas explicitamente por Unamuno: “*la España histórica — no quiero decir la del pasado (...) y la historia, ya os lo dije, no es el pasado, no es la tradición. No es tampoco el progreso.*”<sup>11</sup> (UNAMUNO, 1980, p. 62). Resta, então, a história como mundo histórico ou como objeto da historiografia. A noção de objeto contrapõe-se imediatamente a de sujeito. Então história seria um objeto estudado por um sujeito? Mas limitar a história à condição de objeto não seria amputá-la? Pressupor que o homem é o sujeito que vê e analisa o objeto história é separá-lo da própria história. Se Unamuno quer viver na história e viver a história não pode estar separado desta, mas, pelo contrário, atrelado a esta incondicionalmente.

Cabe, desta forma, comparar a definição de Abbagnano do que coloca como terceiro sentido de história (a única que resta dentre as apresentadas pelo estudioso) à compreensão histórica por Miguel de Unamuno: “História é o *mundo histórico*, a totalidade dos modos de ser e das criações humanas no mundo, ou a totalidade da “vida espiritual” ou das culturas.” (ABBAGNANO, 2007, p. 584).

*La historia no es el pasado solo, no es la tradición, no es tampoco el porvenir, el progreso. La historia es el presente eterno. Y es el crecimiento íntimo, de dentro a fuera, el enriquecimiento del contenido espiritual. En la historia vive el pasado con el porvenir y engendrándolo en un presente eterno. Porque la historia es el espíritu y el espíritu es la creación.*<sup>12</sup> (UNAMUNO, 1980, p. 63).

Observando os dois trechos transcritos, nota-se a semelhança que há entre as ideias apresentadas, o uso mesmo do vocabulário faz-se similar, como, por exemplo, a menção ao espiritual e à criação. Faz-se mister, no entanto, olhar mais de perto a definição unamuniana para entender como esta dialoga com o **mundo histórico** ressaltado por Abbagnano.

A história não é passado somente porque o passado isolado, como o nome diz, remete ao já feito, ao consagrado, ao que não pode ser mudado. É, pois, na conjunção passado-porvir que se engendra a história enquanto presente eterno. A imagem de algo entre dois espelhos paralelos pode auxiliar no entendimento da história neste âmbito. As

---

<sup>11</sup> A Espanha histórica — não quero dizer a do passado, (...) e a história, já lhes disse, não é o passado, não é a tradição. Não é tampouco o progresso.

<sup>12</sup> A história não é o passado somente, não é a tradição, não é tampouco o porvir, o progresso. A história é o presente eterno. E é o crescimento íntimo, de dentro para fora, o enriquecimento do conteúdo espiritual. Na história vive o passado com o porvir e engendrando-o em um presente eterno. Porque a história é o espírito e o espírito é a criação.

imagens que se projetarão neste contexto são infindáveis, não sendo possível localizar nem um início nem um fim. Acaba-se, assim, com a visão linear da história, a qual passa a ser reflexão, mundo no seu incessante criar-se.

Cada um é neste instante a fusão dos reflexos entre o que se viveu e o que se quer viver. O espírito histórico nesta perspectiva é movimento ininterrupto de atualidade permanente. “Não queremos servir à história senão na medida em que ela sirva à vida”. (NIETZSCHE, 2005, p. 68). De nada serviria à vida um passado engessado, tampouco um ideal de futuro que nunca se alcança.

Unamuno insistia em afirmar que queria viver na história e viver a história. Relaciono o viver na história à reflexão incessante entre espelhos, e o viver a história ao conhecimento especular que cresce intimamente e se irradia. Da criação de imagens a partir dos espelhos paralelos, a geração da história enquanto lugar delimitado; do olhar interno de cada um, do espelhamento interior, de mais difícil acessibilidade, a intrahistória<sup>13</sup>, a história enquanto o que dota de sentido o fazer e o viver. A partir da relação incitada pelo querer unamuniano, chega-se ao personagem Don Quixote.

### 3 A hispanidade instaurada por Don Quijote de la Mancha

Vários são os estudos de Miguel de Unamuno dedicados a pensar a obra mestra cervantina, entre eles vale destacar o texto *Vida de Don Quijote y Sancho*, onde, após uma introdução denominada “El sepulcro de Don Quijote” e diversos prólogos (que vão sendo acrescentados a cada edição), o autor propõe-se a comentar cada capítulo do romance de Cervantes.

Não é a proposta da presente comunicação se ater aos detalhes capitulares cervantinos, mas pensar a história e, consequentemente, a hispanidade para Miguel de Unamuno. Portanto, a introdução e os prólogos mencionados, juntamente com alguns outros ensaios unamunianos serão o mote para apresentar o personagem Don Quixote sob a perspectiva do pensador espanhol em questão.

A história de *Don Quijote de la Mancha* tem início quando o fidalgo Quijada ou Quesada resolve autodenominar-se cavaleiro andante, já com seus cinquenta anos. O que ele viveu antes não interessa ao autor enquanto descrição de um passado, mas somente enquanto atualização no que ele é no auge dos seus cinquenta anos. De Quijada/Quesada nasce Don Quixote, aquele que se põe a caminho com o intuito de salvar o mundo e ganhar fama, ou seja, que almeja viver sua história como cavaleiro andante e viver na história, permanecendo na memória dos povos vindouros.

### Conclusão

De modo geral, costuma-se enfatizar a loucura do protagonista de modo jocoso, opondo-o, inclusive, a seu escudeiro Sancho Panza. Enquanto o primeiro simbolizaria o ideal, o segundo representaria o material. Mas esta compreensão é demasiado simplista,

---

<sup>13</sup> O conceito de intrahistória aparece em vários textos de Miguel de Unamuno, mas a obra na qual este é mais desenvolvido é *En torno al casticismo*.

sufocando o clamor humano-poético que voga por vir à tona.

*¿Oímos todavía el clamor, nosotros, gentes de hoy? ¿Entendemos que tal escucha ha de ser ella misma una participación en él, sobre todo dentro de un mundo de seres humanos, que corre como loco al borde de la autodestrucción, cuyos manejos acallan cualquier clamor y lo empujan a lo vano?*<sup>14</sup> (HEIDEGGER, 2008, p. 13).

Somente com uma resposta afirmativa às perguntas anteriores (sim, ainda podemos ouvir o clamor poético, participando neste), é possível encontrar forças para prosseguir estudando e caminhando. Somente fazendo-nos cavaleiros andantes da fé na ação sem nos importar com a jocosidade alheia (assim como Don Quixote) podemos permanecer dignamente na história.

Considerando a afirmação unamuniana de que “*Cervantes nos dio en 1605 la Biblia del personalismo individualista español*”<sup>15</sup> (1980, p. 15), a associação de Don Quixote a um Jesus Cristo espanhol é bastante válida. Assim como Jesus Cristo, Don Quixote saiu a pregar, não falando do reino de Deus, mas do reino dos homens mesmo, fazendo do seu próprio agir oração. Don Quixote, como personalista individualista espanhol, “*supo decir a relleno sentido: ¡Yo sé quién soy!*” e deve “*enseñarnos a cada uno de los españoles quién somos (...) que cada cual ha de adorar su yo y para poder adorarlo hacerlo digno de adoración*”<sup>16</sup>. (UNAMUNO, 1980, p. 15).

Quesada/Quijada, adentrando no seu eu, descobre-se, melhora-se, cria-se em Don Quixote. Sua pessoa e sua individualidade são reconhecidas por si mesmo e seu querer é o que o move. Fazendo de seu eu história (em um movimento egotista<sup>17</sup>, partindo do reconhecimento e do melhoramento interior para a atuação no mundo), também faz história da nação. Afinal, nação vem de nascer, e se um povo faz a nação, este povo deve ser formado por eus, por homens que vivem suas histórias pessoal e individualmente. Dos nascimentos humanos conjuntos constrói-se uma nação. Que a empreitada quixotesca não paralise pelo riso, mas instigue a cada um a colocar-se em marcha, a lutar como cavaleiros andantes. “*Ponte en marcha, solo. Todos los demás*

---

14 Ouvimos ainda o clamor, nós, gente de hoje? Entendemos que tal escuta há de ser ela mesma uma participação nele, sobretudo dentro de um mundo de seres humanos, que corre como louco à beira da autodestruição, cujos manejos calam qualquer clamor e o empurram ao vão?

15 Cervantes nos deu em 1605 a Bíblia do personalismo individualista espanhol.

16 Soube dizer a pleno sentido: “Eu sei quem sou!” (...) ensinar-nos a cada um dos espanhóis quem somos (...) que cada qual tem que adorar seu eu e para poder adorá-lo fazê-lo digno de adoração.

17 Unamuno opõe egotismo a egoísmo. Enquanto o primeiro se relaciona ao verbo “ser”, o segundo conjuga o verbo “ter”. Uma pessoa egotista, a partir do que faz de seu ser, age, ou seja, parte de um trabalho interno, de um fazer-se história, para agir no mundo, isto é, na história. Um egoísta, em contrapartida, quer trazer tudo que existe fora para si, quer possuir e deixar suas possessões guardadas, trancafiadas. Diria que a história não interessa a um egoísta, já que o fazer e o viver não fazem parte de seu mundinho ilusório construído somente por pertences.

*solitarios irán a tu lado, aunque no los veas.*”<sup>18</sup> (UNAMUNO, 2005, p. 35).

Que aprendamos com a fé admirável de Don Quixote e, assim, façamo-nos e façamos nação. Que o hispanismo universal instaurado por Don Quixote inspire novos Quixotes! Se a declaração unamuniana ainda se aplica hoje de que “*Don Juan vive y se agita, mientras Don Quijote duerme y sueña, y de aquí muchas de nuestras desgracias*”<sup>19</sup> (UNAMUNO, 1978, p. 105), mudemos esta história, despertando o espírito quixotesco que há dentro de nós e lançando-nos enquanto seres temporais/trágicos na permanência da história. Que nossa intrahistória se converta em história!

### Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Estancias*. Valencia: Pre-textos, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre história*. São Paulo: Loyola, 2005.

UNAMUNO, Miguel de. *Cómo se hace una novela*. Madrid: Cátedra, 2009.

\_\_\_\_\_. *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Ensayos y artículos*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980.

\_\_\_\_\_. *Mi religión y otros ensayos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1978.

\_\_\_\_\_. *Paz en la guerra*. Madrid: Cátedra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

---

<sup>18</sup> Ponha-se em marcha, sozinho. Todos os demais solitários irão a seu lado, ainda que não os veja.

<sup>19</sup> Don Juan vive e se agita, enquanto Don Quixote dorme e sonha, e daí muitas de nossas desgraças.